

ANA SÉRIO

A sombra do espelho

As obras agora propostas por Ana Sério sugerem o anverso do «espelho». Haverá suportes de madeira, papéis colados, «lixo» reciclado de coisas já feitas, agora fazendo-se de outro jeito, novamente. A duas e três dimensões. Do lado da superfície, entre as formas escolhidos para expor, há frequentemente pintura em si, manchas, pinceladas, sobreposições, arrastamentos matéricos, pesquisas sucessivas no sentido da harmonia, e o meio tom e a clareza franca de azuis ou vermelhos, brancos nas vielas deixadas a céu aberto. Nesta contínua procura do desarranjo mobilizado para outra situação, arranjo também, lemos belíssimos encontros dos valores disponíveis, como nessa admirável peça «Memória de Sonho B» em que as tintagens a óleo sobre papel, mola de cartolina pintada a vermelho no lado que mais se esconde, além de outros papéis submersos em azuis, tudo isso se conjuga na mais científica das poéticas.

A beleza do não feito a fazer-se

O modo assumido por Ana Vieira ao rasgar o papel pintado e ao aproveitá-lo depois, numa urgência nova, tem quase o mesmo sentido plástico de uma

pintura como «Fusão a Cores», contrastes profundos de certa realidade nocturna com a luminica substantivação do quadro, um azul celeste a esboroar-se à esquerda, quase brancos em suaves diagonais à direita, embora tocados de subjectiva velocidade quanto ao fazer. Há sempre, nestes mais genuínos exemplos, uma dinâmica pessoal, específica, a ideia da vitalidade dos gestos, dos gestos francos e abertos, certos no ser, teatrais quando associados à moldagem cénica dos suportes, ondulação do papel, tridimensionalidade ao mesmo tempo verdadeira e aparente.

Não estamos a falar de uma pintora estritamente gestual, aliás como vimos atrás. Mas devemos acentuar, segundo o nosso ponto de vista, que o modo de formar o deslizamento das tintas, com pinéis espantados, mostra grande destreza oficial, o sentido dos tempos, espessuras e tensões. Ensaio e obras concluídas, tudo se ajusta sem ardis, no propositado efeito que engana o olhar e transforma a visão. Se a ambiguidade do espelho (ou da sombra que nele aparece) é coisa real, ou coisa subjectiva da nossa comum relação com o quadro parietal, isso passa depois a ser secundário perante o espectáculo do fazer e o acerto e a poética de como tudo é maneado.

Dados do ser e do seu percurso

Ana Sério nasceu em Oeiras, em 1976, e é licenciada em Artes Plásticas/Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Obteve o grau de mestre em Pintura pela Norwich School of Art & Design, em Inglaterra. A apresentação da sua obra tem decorrido em Portugal e no estrangeiro, tanto com exposições individuais como através de colectivas. Prémio Artur Bual (2015).

Esta síntese de um percurso marca onde assentam certos dados da formação de Ana Sério e a



frutuosa conjugação entre o trabalho das nossas actuais Faculdades de Belas Artes com o completamento de habilitações no estrangeiro. Ana pertence certamente a uma geração que poderá sustentar novas e sérias linhas de investigação no domínio das disciplinas artísticas. Como quem fala de uma varanda, segundo o texto que foi fornecido à imprensa, sobre o olhar meridional que nos é próprio, exprimindo a luz fresca, a mornidão de sinais imprevistos, crepúsculos, reinvenção lírica do futuro. ●

ROCHA DE SOUSA

ANA SÉRIO. Galeria Raton, até 31 de Julho. Horário: seg. a sext., das 10h às 13h e das 15h às 19h